

PEREIRA, Aline E.; GABRIEL, Rosângela. Resenha de *The Oxford Handbook of Reading: um Livro de Cabeceira para Estudiosos da Leitura*. *ReVEL*, vol. 16, n. 31, 2018. [www.revel.inf.br]

RESENHA DE *THE OXFORD HANDBOOK OF READING*: UM LIVRO DE CABECEIRA PARA ESTUDIOSOS DA LEITURA

Aline E. Pereira¹
Rosângela Gabriel²

linep.scs@gmail.com
rgabriel@unisc.br

VISÃO GERAL DA OBRA

De acordo com Lincoln (1859)³, a escrita foi uma das maiores e mais bem-sucedidas invenções do mundo, tanto que as sociedades modernas não poderiam funcionar se seus cidadãos não dominassem as habilidades de ler e escrever. Entretanto, tais aptidões não se desenvolvem de forma natural, como a linguagem oral, por exemplo, e demandam instrução explícita, prática e um comportamento cognitivo multifacetado. Dada a complexidade da aquisição da leitura, como os leitores habilidosos percebem rapidamente o significado de rabiscos em uma página? Como as crianças aprendem a fazê-lo? Qual a metodologia mais eficaz para ensinar a leitura? Quais conhecimentos um professor precisa dominar para efetivamente contribuir para o ensino da leitura? Quais são as necessidades de instrução para a leitura de crianças e adolescentes, e no que elas se diferenciam?

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul (RS), Brasil.

² Docente pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC e Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNP.

³ Citado por Alexander Pollatsek e Rebecca Treiman, no capítulo 1.

The Oxford handbook of reading, publicado na versão impressa, em 2014, e na versão *online*, em 2015,⁴ pela *Oxford University Press*, editora britânica reconhecida mundialmente pela sua tradição em publicação de obras e manuais de grande relevância em diversas áreas do conhecimento, apresenta o estado da arte e as perspectivas futuras para o desenvolvimento da pesquisa sobre a aprendizagem e o ensino da leitura. O manual, composto por trinta capítulos distribuídos em 478 páginas, foi organizado pelos pesquisadores Alexander Pollatsek e Rebecca Treiman. Atualmente, Alexander Pollatsek é professor emérito de Psicologia na Universidade de Massachusetts, Estados Unidos da América (EUA), e o seu principal interesse de pesquisa é compreender os processos de leitura a partir da análise dos movimentos oculares. Rebecca Treiman é professora na Universidade de Washington (EUA) e sua pesquisa se concentra nos processamentos cognitivos e linguísticos envolvidos na leitura e na escrita, especificamente, sobre como as crianças aprendem essas habilidades em condições normais ou atípicas, como em crianças disléxicas ou surdas.

O livro, escrito em língua inglesa⁵, está dividido em cinco partes, as quais abordam diferentes perspectivas sobre a leitura. A primeira parte, nomeada “Introdução”, apresenta quatro capítulos, os quais fornecem ao leitor uma visão geral sobre os sistemas de escrita, sobre identificação de palavras individuais e sobre os movimentos oculares durante a leitura de frases e textos. Os oito capítulos da seção seguinte, nomeada “Identificação de palavras”⁶, discorrem sobre a identificação de palavras isoladas por leitores adultos, saudáveis e com danos cerebrais. A terceira parte, intitulada “Leitura de textos e sentenças”, apresenta sete capítulos, os quais abordam a leitura de frases e textos em leitores hábeis, analisada a partir das técnicas de movimento ocular. A quarta parte, organizada em seis capítulos, intitulada “Desenvolvimento da leitura e da escrita”, aborda como as habilidades de alfabetização se desenvolvem nas crianças, desde a identificação de palavras, desenvolvimento da ortografia e compreensão. A última parte, intitulada “Instrução da leitura”, composta por cinco capítulos, discute as implicações das pesquisas

⁴ Dados disponíveis no acesso *online* ao manual - <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199324576.001.0001/oxfordhb-9780199324576>

⁵ Até o momento da preparação desta resenha, não temos conhecimento de que a obra tenha sido traduzida.

⁶ As traduções aqui apresentadas são de nossa responsabilidade.

voltadas para a instrução da leitura, envolvendo as atuais políticas de instrução e o papel dos professores nesse processo.

PARTE 1. INTRODUÇÃO

O **primeiro capítulo** (p. 03), “Manual Oxford de leitura: preparando o terreno”, escrito pelos organizadores da obra, Alexander Pollatsek e Rebecca Treiman, retoma a importância da escrita, por meio das contribuições de Abraham Lincoln, o qual foi um dos pioneiros a perceber a escrita como uma das grandes invenções do mundo. Por que Lincoln julgava a escrita importante? Escrever seria uma “arte” de comunicar pensamentos para a mente por meio dos olhos, sendo a escrita o ponto de partida para a leitura. Depois desse breve resgate sobre a relevância da leitura e da escrita na sociedade atual, os autores revisitam a pesquisa inicial sobre leitura, enfatizando um grande avanço a partir da década de 50, chamada de “revolução cognitiva”, a qual abarcou estudos além das observações comportamentais. Essa revolução possibilitou que algumas áreas interessadas nos processos que ocorriam dentro do cérebro se unissem para buscar mais respostas às questões ainda em aberto. A Ciência Cognitiva abarca a participação da Psicologia Cognitiva, Linguística, Neurociência, Ciência da Computação, etc., as quais desenvolvem pesquisas interdisciplinares para entender o funcionamento do cérebro nas atividades cognitivas dos seres humanos. Tal “revolução cognitiva” teve impacto não só numa compreensão mais detalhada do processamento cognitivo, mas também no ensino da leitura, pois as pesquisas desenvolvidas apresentam o potencial de melhorar a instrução da leitura, que pode valer-se dos resultados de pesquisas científicas e não apenas de ideologias. Posteriormente, os autores explicam como estão organizadas as cinco seções do *Handbook*.

As peculiaridades, similaridades e diferenças dos sistemas de escritas atuais e as implicações desses elementos para a aprendizagem da leitura são tema do **capítulo dois** (p. 10), de autoria de Brett Kessler e Rebecca Treiman. Em “Os sistemas de escrita: suas propriedades e implicações para a leitura”, as autoras enfatizam que todos os sistemas de escrita representam as palavras de uma língua, de acordo com um conjunto de regras. E, embora haja muitas diferenças na aparência e

no funcionamento dos sistemas de escrita, existem muitas semelhanças tanto na estrutura externa quanto na estrutura interna. De acordo com Kessler e Treiman, conhecer bem o sistema de escrita é crucial para o ensino da leitura e da escrita, pois se o conhecimento sobre a escrita é muito estreito, o ensino da leitura também pode ser prejudicado.

O capítulo 3 (p. 26), “Reconhecimento visual de palavras”, evidencia o reconhecimento visual de palavras como um aspecto fundamental da leitura. Melvin J. Yap e David A. Balota explicam que, apesar da capacidade que os leitores têm de reconhecer palavras apresentadas visualmente com aparente facilidade, os processos envolvidos no mapeamento dos elementos ortográficos, fonológicos e semânticos são muito complexos. No presente capítulo, os autores mostram os processos cognitivos que os leitores experientes empregam para reconhecer e pronunciar palavras individuais, explicando quais são os elementos que mais contribuem para o reconhecimento das palavras e como o contexto tem influência nesse processo.

O quarto capítulo (p. 44), “O trabalho dos olhos durante a leitura”, escrito por Elizabeth R. Schotter e Keith Rayner, analisa o trabalho dos olhos durante a leitura e evidencia algumas ilusões que temos acerca do movimento dos olhos diante do texto. De modo geral, os autores apresentam evidências sobre como a tecnologia de *eyetracking* tem contribuído para a aquisição de registros detalhados em relação ao comportamento do leitor frente ao texto, durante uma leitura oral e silenciosa. Comentam que esse campo de pesquisa tem se beneficiado com o desenvolvimento de modelos computacionais de leitura (como, por exemplo, *E-Z Reader*, *SWIFT* e *Glenmore*), os quais auxiliam na contabilização de dados e na construção de previsões sobre o processamento durante a leitura, bem como no modo como os leitores decodificam as palavras e sobre o quanto de informação o leitor obtém de um único olhar para a página.

Após esses quatro capítulos introdutórios, o livro parte para as seções, conforme detalhado na sequência.

PARTE 2. IDENTIFICAÇÃO DE PALAVRAS

“O reconhecimento visual de palavras no quadro teórico do leitor Bayesiano” é o título do **capítulo cinco** (p. 63), desenvolvido pela pesquisadora Sachiko Kinoshima. O foco deste capítulo é explicar como a frequência de uma palavra está

atrelada à capacidade de identificá-la, por meio de evidências que mostram como os leitores identificam e codificam a ordem das letras em uma palavra.

No **capítulo seis** (p. 76), a abordagem se volta para “Os efeitos de vizinhança no reconhecimento visual de palavras e leitura”, tanto de palavras isoladas como em frases. O argumento de Manuel Perea é que as palavras que são ortograficamente (ou fonologicamente) semelhantes a uma palavra impressa influenciam na velocidade e na precisão de sua decodificação. O estudo do efeito de vizinhança de uma palavra revelou que a ativação de vizinhos pode interferir no processamento das palavras-alvo em tarefas de identificação de palavras e durante a leitura de sentenças, apoiando as afirmações básicas dos modelos de ativação interativa. Alguns desafios para as definições atuais dos efeitos de vizinhança de palavras também são citados, em especial, a necessidade de analisar o reconhecimento e a codificação de consoantes e vogais durante o processamento de texto.

O **capítulo sete** (p. 88), “Perspectivas translinguísticas no processamento da ordem das letras: evidências empíricas e considerações teóricas”, escrito por Ram Frost, versa sobre o processamento da ordem das letras no reconhecimento de palavras. O objetivo do capítulo é examinar os efeitos da ordem das letras em diferentes sistemas de escrita. O autor primeiramente apresenta evidências que comprovam que o leitor é tolerante à transposição das letras, como nesse exemplo (estímulo com transposição: ANWSER para o correto ANSWER) e esclarece que um possível efeito da transposição vai ser constatado na velocidade e precisão da leitura. No decorrer do capítulo, apresenta alguns modelos de reconhecimento e codificação das letras em diferentes idiomas.

Como o leitor acessa as representações lexicais de uma palavra enquanto lê? Com o objetivo de explorar como as informações sobre as palavras são representadas no léxico mental e como elas são reconhecidas durante a leitura, o pesquisador Marcus Taft desenvolveu o **capítulo oito** (p. 99), intitulado “A natureza da representação lexical no reconhecimento visual de palavras”. Um dos meios de verificar a representação e a recuperação lexical é por meio do tempo de resposta (*Reaction Time* - RTs). Nesse tipo de testagem, são apresentadas palavras e pseudopalavras aleatoriamente e é solicitado ao sujeito que pressione um botão de "sim" ou "não" rapidamente, com a maior precisão de resposta possível, indicando se a sequência de letras apresentada é uma palavra ou não. Após, os tempos de reação

(TR) e as taxas de erros e acertos são medidos. No decorrer do capítulo, o autor apresenta modelos de representação lexical, com ênfase no modelo AUSTRAL.

O **capítulo nove** (p. 114), “As palavras polimorfêmicas são processadas distintamente de outras palavras durante a leitura?”, revisa estudos que têm evidenciado como as palavras polimorfêmicas são identificadas durante a leitura e o papel dos morfemas nesse percurso. O pesquisador Jukka Hyönä desenvolve seu texto analisando como o leitor identifica palavras compostas, a partir de uma visão de processamento por composição ou holístico, por meio da análise dos movimentos oculares durante a leitura.

O **capítulo dez** (p. 129), “Diferenças individuais entre leitores hábeis: o papel da qualidade lexical”, evidencia o papel da qualidade lexical para verificar se há diferenças no processamento cognitivo entre leitores qualificados. Sally Andrews desenvolve seu capítulo argumentando que existem diferenças individuais sistemáticas no modo de identificação de palavras no conjunto de leitores proficientes. A autora analisa tais diferenças e, de certa forma, desafia o argumento de que os leitores qualificados identificam as palavras da mesma forma.

Até aqui, os capítulos se centraram no desempenho de leitores saudáveis, sem nenhum tipo de lesão ou deficiência. Entretanto, compreender o processamento cognitivo em leitores com necessidades especiais vem sendo cada vez mais importante e urgente, em função da inclusão social nas escolas de educação básica e de como possíveis dificuldades podem ser prevenidas ou tratadas. Nesse espírito, o **capítulo onze** (p. 149), escrito pela psicolinguista Anna M. Woollams, versa sobre “O que a dislexia adquirida nos conta sobre a leitura”. A dislexia adquirida é definida como uma desordem de leitura que surge após dano cerebral em pessoas já alfabetizadas. O objetivo do capítulo é ilustrar a influência dos dados neuropsicológicos dos sujeitos com dislexia adquirida para o desenvolvimento de modelos de leitura em sujeitos sem danos. Nesse estudo, o modelo de dupla rota e o modelo conexionista são subsidiados pela coleta de dados, por meio da leitura de palavras e não-palavras bem como de exames de neuroimagem.

O **capítulo doze** (p. 165), “Literacia e desenvolvimento da literacia em bilíngues”, aborda o desenvolvimento da alfabetização e a alfabetização em bilíngues. Escrito por Debra Jared, o capítulo tem como um dos objetivos saber se o conhecimento de leitura de um idioma influencia na leitura de outros, tanto no adulto quanto na criança bilíngue. Para evidenciar essa influência, a autora cita pesquisas de

decisão lexical em palavras isoladas e leitura de palavras em sentenças. Uma outra parte do capítulo busca analisar, por meio dos estudos com fMRI, se a leitura de palavras em uma segunda língua recruta a mesma rede cerebral usada na leitura de palavras da língua materna ou se diferentes estruturas cerebrais são recrutadas. A autora conclui o capítulo reforçando o argumento apresentado na introdução do seu texto, o qual aponta que um bilíngue não é a “soma de dois monolíngues em uma só cabeça” (p. 165) e que as duas línguas de um bilíngue não são processadas isoladamente uma da outra.

PARTE 3. LEITURA DE SENTENÇAS E TEXTOS

O capítulo treze (p. 185), “O papel do som na leitura silenciosa”, escrito por Alexander Pollatsek, enfatiza o papel do som na leitura proficiente por leitores adultos, questionando até que ponto o som (a vocalização – movimento dos lábios ou trato vocal) se relaciona com a decodificação do texto durante a leitura, a que ele se refere como a relação entre discurso interno e externo. O autor cita estudos sobre codificação fonológica na identificação de palavras durante a leitura, em tarefas de leitura de palavras isoladas, por meio da análise dos movimentos oculares. Chama a atenção do leitor ao afirmar que todos que trabalham com leitura deveriam ter consciência de que o que parece ser uma leitura silenciosa está longe de ser silenciosa, ou seja, leitores habilidosos vocalizam (mentalmente) palavras enquanto leem e esse comportamento é parte importante da aprendizagem da leitura.

No **capítulo 14** (p. 202), “Leitura de sentenças: análise sintática e interpretação semântica”, Adrian Staub analisa os elementos sintáticos e a interpretação semântica na leitura de sentenças, pois compreender o que lemos exige a construção/criação de uma representação sintática que contenha o significado de cada sentença. Geralmente, a análise e a interpretação das sentenças são rápidas, tanto na leitura como na linguagem oral, e não somos conscientes desse processo. O pesquisador cita diferentes modelos de processamento de sentenças para fundamentar a discussão acerca de dois processos: análise sintática e interpretação semântica, evidenciando como eles estão relacionados. No final, brinda o leitor com cinco conclusões advindas dos estudos que analisam a leitura de sentenças. Entretanto, afirma que, mesmo com o amplo desenvolvimento da pesquisa, muitas

perguntas sobre como os leitores reconhecem as palavras ainda permanecem em aberto.

O **capítulo quinze** (p. 217), “Modelos de compreensão do discurso”, de autoria de Edward J. O’Brien e Anne E. Cook, enfatiza a complexidade do processamento cognitivo para a compreensão da leitura, observando que essa atividade envolve múltiplos processos complexos. Os autores destacam que a compreensão exige do leitor uma boa habilidade de decodificação, reconhecimento das palavras e a recuperação de seu significado nas frases (construções sintáticas). O capítulo é construído abordando como os processos de decodificação e reconhecimento de palavras interagem / impulsionam / influenciam na compreensão.

“O papel das palavras na leitura em chinês” é o tema do **capítulo dezesseis** (p. 232), escrito por Xingshan Li, Chuanli Zang, Simon P. Liversedge e Alexander Pollatsek. Logo no início do texto, os autores chamam a atenção do leitor para a diferença entre o chinês e os demais sistemas de escrita, principalmente no que diz respeito aos níveis lexicais, gramaticais e fonológicos, além da não demarcação de espaços entre as palavras. O objetivo desse capítulo é fornecer informações sobre a natureza não alfabética do sistema de escrita chinês e analisar estudos que observam como os leitores chineses identificam limites de palavras e como isso afeta os movimentos oculares durante a leitura de sentenças nesse idioma.

O **capítulo dezessete** (p. 245), “Como a informação é integrada através das fixações na leitura”, dos pesquisadores Michael G. Cutter, Denis Drieghe e Simon P. Liversedge, é construído com base em um questionamento: “como a informação é integrada em fixações durante a leitura?”. Os autores desenvolvem o texto explicando minuciosamente o processo de integração de informações extraídas nas fixações dos olhos durante a leitura de um texto. Apresentam os conceitos básicos (fixações, sacadas, fóvea, parafóvea) para compreender o movimento dos olhos no processamento do texto e como ele ocorre em leitores de diferentes idiomas e sistemas de escrita (Inglês, Chinês, Hebraico).

Os movimentos oculares durante a leitura continuam sendo tema do **capítulo dezoito** (p. 261): “Controle direto da duração da fixação lexical e não lexical na leitura. Os pesquisadores Eyal M. Reingold, Heather Sheridan e Erik D. Reichle desenvolvem o texto a partir de uma discussão sobre os modelos de controle dos olhos na leitura que buscam explicar os fatores que determinam quando (duração das

fixações) bem como para onde (locais das fixações) os olhos se movem, e como os processos perceptivos e cognitivos influenciam nesses dois processos. Para responder a essa questão, os autores, primeiramente, fazem uma revisão das teorias sobre o movimento dos olhos e o processamento cognitivo. Por conseguinte, apresentam experimentos que comprovam o controle dos movimentos oculares e como as variáveis perceptuais e/ou lexicais comprometem o tempo de duração das fixações durante a leitura.

O **capítulo dezenove** (p. 277), “Leitor E-Z: uma visão geral do modelo e duas aplicações recentes”, escrito por Erik D. Reichle e Heather Sheridan, apresenta um modelo computacional de controle dos movimentos oculares na leitura: o *E-Z Reader*. O modelo pretende evidenciar que o processamento lexical de palavras pode impulsionar os movimentos posteriores, os quais direcionam a leitura do que está por vir. Da mesma forma, como os demais capítulos, os autores apresentam uma breve revisão sobre os estudos que envolvem o movimento dos olhos durante a leitura, depois apresentam questões teóricas e evidências em relação ao modelo em questão e, por fim, argumentam em favor do modelo *E-Z Reader* para as pesquisas nessa área.

PARTE 4. DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA

O **capítulo vinte** (p. 293) nomeado “Como as crianças aprendem a ler palavras”, escrito pela psicóloga Linnea C. Ehri, apresenta um quadro resumo (p. 301) do desenvolvimento das fases de leitura (iniciais para fluente): pré-alfabética, alfabética parcial, alfabética completa e alfabética consolidada. Para cada uma dessas fases, a autora apresenta os requisitos em termos de conhecimentos e sub-habilidades, memória visual, estratégias de leitura de palavras não-familiares e ortografia. Ao longo do texto, a autora explica cada uma dessas fases, destacando igualmente o papel do mapeamento ortográfico e da memória nessa aprendizagem. Uma das questões relevantes é o fato de que a aprendizagem da leitura é administrada pela criança, por meio do seu nível de conhecimento em relação ao sistema de escrita e sua habilidade para ler palavras. Ao final destaca que, apesar das inúmeras pesquisas sobre a aprendizagem da leitura, ainda podemos avançar na qualidade da instrução, na avaliação de contextos que facilitam ou dificultam a aprendizagem, entre outras questões.

A ênfase do **capítulo vinte e um** (p. 311) recai sobre o desenvolvimento/aprendizagem da escrita: “Desenvolvimento da escrita na infância: teorias e evidências”. Os pesquisadores S. Hélène Deacon e Erin Sparks desenvolvem o texto avaliando diferentes perspectivas: fonológica, construtivista e aprendizagem estatística, enfatizando que cada modelo apresenta pontos fortes e fracos em sua capacidade de descrever e explicar *como* e *quando* se dá o desenvolvimento da escrita e da ortografia de crianças que estão aprendendo a escrever em sistemas alfabéticos.

O **capítulo vinte e dois** (p. 326), intitulado “Aprender a ler e soletrar palavras em diferentes sistemas de escrita”, escrito por Markéta Caravolas e Anna Samara, diferentemente dos capítulos anteriores, que buscavam aproximações no desenvolvimento da leitura e da escrita das crianças, dá ênfase aos aspectos que diferenciam a aprendizagem dessas habilidades. Destacam que ler e escrever são atividades complexas, que dependem da interação entre as habilidades cognitivas e da natureza do sistema de escrita. “Aprender os milhares de caracteres dos chineses certamente leva mais tempo do que aprender as 26 letras do alfabeto inglês” (p. 326). O capítulo apresenta uma revisão teórica a respeito das habilidades cognitivas essenciais que são base da aprendizagem da escrita em qualquer sistema, bem como as características que influenciam o desenvolvimento da leitura e da escrita. Ao final, apresentam um modelo que propõe o uso de três habilidades básicas, consideradas universais, na aprendizagem da leitura e da escrita em sistemas alfabéticos e sugerem o desenvolvimento de pesquisas com base nesse modelo, especialmente, em sistemas não alfabéticos, para verificar semelhanças ou diferenças na aquisição dessas habilidades.

O **capítulo vinte e três** (p. 344), escrito Jane V. Oakhill, Molly S. Berenhaus e Kate Cain, “Compreensão leitora por crianças e dificuldades de compreensão” analisa o desenvolvimento normal da compreensão da leitura infantil, bem como diferenças individuais envolvidas nesse processo e as dificuldades específicas relacionadas a essa habilidade. Inicialmente, os pesquisadores reforçam que a compreensão da leitura demanda o uso de muitas habilidades e conhecimentos, entre eles, vocabulário, sintaxe, produção de inferências, monitoramento da compreensão, compreensão do uso da estrutura do texto e, no decorrer do capítulo aprofundam as discussões em cada um dos itens. De acordo com os autores, todos esses aspectos, juntamente com o uso eficiente das habilidades de memória, irão contribuir para a criação de uma representação integrada e coerente do texto. Depois, ilustram os

entraves vivenciados pelos leitores durante os primeiros anos escolares, apresentando estudos longitudinais como base para a discussão. Por fim, indicam ao leitor alguns trabalhos já desenvolvidos que podem contribuir para apoiar a compreensão da leitura nos primeiros anos escolares, bem como para aperfeiçoá-las nas crianças que têm dificuldades.

O **capítulo vinte e quatro** (p. 361) disserta sobre “Desenvolvimento da dislexia”. Os psicólogos Bruce F. Pennington e Robin L. Peterson revisam o conceito de dislexia do desenvolvimento e o modo como ele se amplia, apoiados numa perspectiva etiológica e neuropsicológica. De acordo com os autores, atualmente, a dislexia pode ser conceituada como uma desordem na linguagem, em que o principal déficit está relacionado a problemas no processamento fonológico (processamento de sons da linguagem oral), os quais influenciam, posteriormente, no processamento da linguagem escrita. Uma das questões interessantes, comentadas pelos autores, se volta para o fato de que as crianças com probabilidades de apresentar dislexia do desenvolvimento apresentam dificuldades sutis com a linguagem oral antes mesmo da aprendizagem da linguagem escrita (p. 364). Enfatizam que crianças com boas habilidades cognitivas associadas à leitura estão menos propensas a desenvolver a dislexia quando comparadas com crianças que têm múltiplos déficits cognitivos. Em seguida, os autores analisam a natureza da dislexia em diferentes idiomas e seus sistemas de escrita, evidenciando questões relevantes em relação à influência do sistema biológico/cognitivo e também do aspecto transcultural nesse processo. Posteriormente, citam modelos teóricos que buscam explicar porque e como ocorre a dislexia, a partir de aspectos hereditários, biológicos e ambientais. E, por fim, ressaltam que, apesar de todas as evidências já alcançadas, é necessário avançar para entender completamente a etiologia da dislexia.

Capítulo vinte e cinco (p. 377) encerra a quarta parte da obra e é intitulado “Como a aprendizagem da leitura influencia a linguagem e a cognição”. O objetivo desse capítulo, de autoria da psicóloga Régine Kolinsky, é demonstrar como a aprendizagem da leitura modifica a anatomia do cérebro, a percepção da linguagem oral e visual. Usando pesquisas realizadas com adultos analfabetos e adultos que aprenderam a ler tardiamente, a autora demonstra os efeitos que a alfabetização exerce na linguagem oral e na percepção de como a linguagem oral é representada pela escrita. Destaca também o modo como o conhecimento da ortografia do idioma influencia na aprendizagem da leitura, no reconhecimento de palavras, na memória

verbal e no sistema cerebral, no que diz respeito a mudanças na anatomia, tanto estruturais (níveis de massa branca) quanto neurais. Em sequência, a autora aborda separadamente a influência da aquisição da leitura no processamento visual das palavras e nas funções cognitivas superiores (aspectos semânticos, memória de trabalho, funções executivas, capacidade de raciocínio, QI e estilo cognitivo). Ao final, destaca que há necessidade de mais detalhes sobre o modo pelo qual as ferramentas culturais (leitura e escrita, por exemplo) projetam mudanças na anatomia e funções cerebrais.

PARTE 5. INSTRUÇÃO DA LEITURA

O **capítulo vinte e seis** (p. 397), escrito por Monique Sénéchal, “Experiências de literacia em casa por crianças pequenas”, analisa as experiências de leitura familiar e como tais experiências se relacionam com os resultados de leitura posteriores. A autora argumenta que compreender o impacto das experiências e das interações no sucesso da leitura de crianças pequenas é urgente por dois motivos: primeiro, porque as diferenças individuais de leitura são estabelecidas desde cedo e permanecem estáveis ao longo do tempo e, segundo, porque compreender melhor sobre como otimizar as habilidades e quais são os preditores de sucesso na aprendizagem da leitura das crianças no período pré-escolar (4 a 5 anos de idade) é importante porque as crianças são sensíveis às influências do meio. A primeira parte do capítulo ilustra modelos de interação (formal e informal) entre pais e filhos em momentos de leitura compartilhada de livros infantis e o impacto desses modelos de interação na aprendizagem da leitura. Apresenta evidências de como o conhecimento da linguagem oral, alfabetização precoce e a consciência fonológica são preditores de sucesso em leitura. Na segunda parte, a autora apresenta uma meta-análise de estudos que envolvem práticas de leitura compartilhada e alfabetização precoce e alerta que apenas a prática da leitura compartilhada, sem uma interação mais incisiva, não pode ser considerada como uma fonte de aprendizagem das habilidades específicas da leitura.

O **capítulo vinte e sete** (p. 415), “Instrução da leitura no ensino primário nos Estados Unidos”, desenvolvido por Carol McDonald Connor e Stephanie Al Otaiba, tece ponderações sobre as recentes políticas e pesquisas dos Estados Unidos em relação à instrução para auxiliar na alfabetização, desde o jardim de infância até a

quinta série. O argumento que serve de base para a discussão é o fato de que ainda há um número substancial de crianças, principalmente, de níveis socioeconômicos desfavoráveis, com problemas para alcançar escores adequados de desempenho em leitura. Primeiramente, as autoras enfatizam que ensinar os alunos a ler e escrever pode ser um dos esforços mais difíceis e mais importantes a serem enfrentados em uma sociedade letrada - especialmente se essa sociedade considera a alfabetização um direito e não um privilégio (p. 415). Justamente porque a leitura é uma invenção cultural humana que capta regiões do cérebro originalmente projetadas para outras atividades, como a língua falada, por exemplo. Nesse sentido, o domínio do princípio alfabético (ou seja, a capacidade de compreender que letras representam fonemas, os quais formam palavras) é uma das habilidades básicas para a aprendizagem da leitura e exige instrução explícita. Observam que, quanto mais clara for a correspondência entre os fonemas e os grafemas, mais facilidade a criança tem para desenvolver esse domínio. No entanto, como enfatizam as autoras, no sistema de escrita do inglês, tal correspondência é irregular para muitas palavras, e isso gera uma barreira significativa para algumas crianças. Além disso, é necessário que a criança tenha um conhecimento da linguagem oral (vocabulário), porque ela precisa atribuir significado ao que lê. As autoras definem a visão de leitura e compreensão que serão utilizadas no capítulo, enfocando quatro tópicos. O primeiro apresenta dados de relatórios que ilustram como é a instrução de leitura nos Estados Unidos e as políticas e relatórios que moldaram essa instrução. No segundo tópico são explicados os componentes da instrução centrada no código, na compreensão da leitura e instruções individualizadas. No terceiro, as autoras apresentam o modo como as crianças atribuem significado ao que leram, vinculando essa capacidade com as habilidades de decodificação e habilidades de linguagem oral. No quarto tópico, enfatizam a importância de organizar currículos, políticas educacionais baseadas em evidências científicas e que sejam de acordo com a realidade do país, para que, efetivamente, tais iniciativas possam promover melhorias graduais no desempenho dos alunos.

“Inglês afro-americano e sua relação com o desempenho em leitura” é tema do **capítulo vinte e oito** (p. 431). Escrito por Holly K. Craig, versa sobre o impacto e as diferenças significativas que o inglês afro-americano tem no desempenho em leitura, bem como as características dessa variante sociolinguística. O autor descreve a habilidade das crianças em alternar entre o inglês afro-americano e americano e sua

relação com a aprendizagem da leitura. Finalmente, orienta que os alunos precisam ser ensinados a reconhecer, tanto a variante quanto a língua padrão, de forma positiva e como um conjunto de alternativas para as interações e, principalmente, aprender a distinguir em quais contextos cada uma deve ser usada. Valorizar aquilo que a criança traz na sua história até a entrada na escola auxilia na aprendizagem da leitura e da escrita; já o contrário desestimula a aprendizagem da língua padrão.

“O conhecimento dos professores sobre o desenvolvimento e instrução da leitura” é o fio condutor do **capítulo vinte e nove** (p. 447), escrito por Anne E. Cunningham e Colleen Ryan O'Donnell. O objetivo do texto é fornecer ao leitor sugestões, baseadas em pesquisas, que buscam fortalecer tanto o conteúdo quanto o desenvolvimento profissional do professor na área de alfabetização e explicar que tais sugestões influenciam fortemente o desempenho e os resultados da criança na aprendizagem da leitura. As autoras, logo no início do texto, citam uma frase de Shulman (1986): “aqueles que podem, fazem; aqueles que entendem, ensinam”. O argumento presente é o de que a instrução de leitura eficiente é basicamente definida pelo conhecimento que o professor possui sobre a leitura. E note-se que esse conhecimento não está relacionado ao fato de ser um bom leitor ou leitor fluente, mas, sim, a um domínio de conhecimento específico e expertise na instrução da linguagem, conhecimento sobre o desenvolvimento da leitura e suas habilidades componentes e, por fim, a habilidade de usar esses conhecimentos para promover a aprendizagem das crianças (p. 446-447). Tendo em vista que o professor precisa dominar um número considerável de conhecimentos e que esses vão influenciar diretamente na instrução de alta qualidade, e ainda, que esse tipo de instrução tem grande impacto no desenvolvimento da alfabetização das crianças, como definir uma instrução de qualidade? Para responder a essa pergunta, Cunningham e O'Donnell apresentam brevemente algumas perspectivas históricas sobre qualidade na instrução da leitura e, depois, apresentam uma visão mais científica dessa prática, abordando o papel de currículos mais eficazes e métodos pedagógicos que têm apresentado melhores resultados no ensino da leitura. Os autores finalizam o capítulo sintetizando os conhecimentos mais específicos que os professores precisam ter para serem eficazes na sua prática de ensino.

O **capítulo trinta** (p. 463), intitulado “Literacia adolescente: desenvolvimento e instrução”, escrito por Susan R. Goldman e Catherine E. Snow, evidencia uma nova visão sobre os níveis de desempenho em leitura exigidos dos

adolescentes em meio a era digital e as necessidades que o mercado de trabalho e o ambiente acadêmico impõem. Observam que tanto a definição de compreensão em leitura quanto a de instrução devem incluir as habilidades atuais de alfabetização cobradas nos exames nacionais e internacionais de desempenho em leitura, entre elas, a capacidade de analisar, interpretar, criticar e avaliar informações de múltiplas fontes. Nesse sentido, a leitura deve ser considerada como uma ferramenta que possibilita ao leitor adquirir informações, entender pontos de vista diferentes, organizar seus próprios argumentos e raciocínio. No decorrer do capítulo, discorrem sobre as características do leitor adolescente, as tarefas de leitura, os gêneros textuais, as metodologias e a influência do contexto. Finalizam o capítulo tecendo considerações sobre quais métodos e abordagens de ensino são mais eficazes para essa faixa etária e o papel do professor como mediador desse processo.

APRECIÇÃO GERAL DA OBRA

The Oxford handbook of Reading abarca diversas áreas de interesse da pesquisa no âmbito da leitura e oferece ao leitor o que há de mais atual nesse campo de pesquisa. Os capítulos apresentam uma sequencialidade no que diz respeito à própria aprendizagem da leitura, começando pelas habilidades mais elementares até as mais avançadas. A organização dos capítulos numa ordem sequencial, acompanhando o desenvolvimento das habilidades de leitura, bem como os possíveis entraves nesse trajeto, fazem desse manual uma referência básica para qualquer pesquisador da área e estudiosos da leitura. Outro ponto forte é a organização estrutural dos capítulos, os quais, na maioria das vezes, fazem um resgate histórico sobre o tema e, em seguida, trazem as contribuições mais recentes da pesquisa. Ao final de cada capítulo, são apresentadas as conclusões e as perspectivas futuras para o campo, além de amplo referencial teórico para aprofundamento. A estrutura recorrente ao longo dos trinta artigos auxilia na composição do conjunto, pois contribui na organicidade face à diversidade de ênfases nos temas abordados. Ainda que se autodenomine um “manual”, o que poderia dar a impressão de uma obra introdutória às pesquisas sobre a ciência da leitura, trata-se na verdade de um compêndio sobre o estado da arte nessa área, um livro de cabeceira para pesquisadores, professores e demais interessados na temática.

POLLATSEK, Alexander; TREIMAN, Rebecca. *The Oxford Handbook of Reading*.
Oxford: Oxford University Press, 2015.